

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTE  
PROFARTES**

JULIANA FERREIRA DE ALMEIDA ARRUDA

**ARTISTA PATY WOLFF**  
CONTRIBUIÇÃO PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

CAMPO GRANDE - MS

2024

**JULIANA FERREIRA DE ALMEIDA ARRUDA**

**ARTISTA PATY WOLFF**  
**CONTRIBUIÇÃO PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**  
**DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes, área de concentração em Ensino de Artes, linha de pesquisa em Abordagens Teórico-Methodológicas das Práticas Docentes. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone Rocha de Abreu.

**CAMPO GRANDE - MS**

**2024**

**JULIANA FERREIRA DE ALMEIDA**

**ARTISTA PATY WOLFF**

**CONTRIBUIÇÃO PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes, área de concentração em Ensino de Artes, linha de pesquisa em Abordagens Teórico-Methodológicas das Práticas Docentes. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone Rocha de Abreu.

Campo Grande, MS \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Rocha de Abreu  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Lacombe Pinheiro  
Universidade Santo Amaro UNISA

---

Prof. Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima  
Rede Prof Artes – Instituto de Artes da UNESP

*“Um cochicho de Kambi no ouvido de rainha Abaya fez seus olhos de raiva arregalarem. Levantou-se no apoio de sua bengala, olhou nos olhos de cada um daquela roda e pelo céu crepúsculo do quilombo, seu brado rouco ecoou; - Ninguém! Ninguém vai tomar nossa liberdade!*

*Abaya “Rainha Mãe” - Paty Wolff*

## AGRADECIMENTOS

Quero primeiramente agradecer a DEUS! Não foi fácil sair da cidade de Cuiabá-MT e fazer um mestrado em Campo Grande -MS, viajar toda semana e voltar e cumprir com os trabalho e demandas de sala de aula. Foi gratificante saber que pelas misericórdias do Senhor me sustentou até aqui, me livrando de todo o mal e dando saúde, fé e força para chegar até o final.

Meu esposo Everton Nascimento de Arruda, um grande companheiro, desde o primeiro momento sempre me deu apoio e incentivo para fazer o mestrado de todas as formas (fazendo lanche para levar, cuidando dos afazeres da casa, e sempre me esperando com um sorriso no rosto na rodoviária). Te Amo!

Aos meus pais: Oséias Grigorio de Almeida e Katia Cilene Lina Ferreira e meus sogros: Maria Arruda e Luiz Arruda. Sempre me apoiando nos sonhos e confiando em mim. Obrigada pelo apoio sempre!

À professora Dra. Simone Rocha de Abreu pela oportunidade e confiança em acreditar no meu trabalho e me escolher como orientanda. Pela orientação que me foi passada, sempre que precisei procurei e obtive respaldo.

Aos professores do programa de mestrado Prof-Artes, dos quais obtive grande aprendizado. Cada abordagem em sala de aula foi de grande construção para ser uma professora pesquisadora.

À Secretaria Municipal de Educação SME de Cuiabá por liberar a pesquisa na escola. À equipe gestora da Escola José Torquato da Silva, muito obrigada pela parceria e pelo apoio.

À artista Paty Wolff pelas suas produções artísticas que contribuem para uma educação antirracista com obras que representam o olhar aos corpos dos(as) negros(as). Sua contribuição foi muito além da pesquisa, dando a oportunidade de os alunos da escola José Torquato da Silva lhe conhecerem e aprenderem um pouco mais sobre suas experiências e a construção de suas obras. Muito obrigada!

Aos professores da banca examinadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Lacombe Pinheiro e Prof. Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima, que aceitaram mais uma vez participar e contribuir para a análise deste trabalho. Muito obrigada!

## **RESUMO**

A presente pesquisa está focada na educação para com as relações étnico-raciais através do ensino de arte como instrumento de representação e valorização da cultura africana. Propõem-se o desenvolvimento de aulas didáticas, contemplando o ensino da história e cultura afro-brasileira, em acordo com as leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 que tornaram obrigatório o ensino de cultura afrobrasileira, com o objetivo de promover princípios sociais multiculturais e legitimamente democráticos, associados ao enfrentamento do racismo no espaço escolar. Buscando envolver os(as) estudantes no debate sobre a construção de identidades sociais, multiculturalismo, diversidades étnicas, racismo e cultura africana. A proposta de intervenção pedagógica foi desenvolvida na EMEB José Torquato da Silva (Cuiabá/MT), com a turma do 4ºano C - considerada uma turma multiétnica - e foi construída a partir de uma reflexão teórica em torno do pensamento decolonial com um diálogo com os seguintes autores: Eliane Cavalleiro (2001 e 2003), Djamila Ribeiro (2019) e bell hooks (2017), mulheres que contextualizam o racismo presente na educação. A referida intervenção parte das obras da artista cuiabana Paty Wolff, que, através de pinturas, esculturas e ilustrações de seu livro **Como pássaros no céu de Aruanda** (Entrelinhas, 2021), trabalha a representação e o olhar sobre os corpos dos(as) negros(as).

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações étnico-raciais; Racismo; Educação

## **SUMMARY**

This research is focused on education regarding ethnic-racial relations through the teaching of art as an instrument of representation and appreciation of African culture. The development of didactic classes is proposed, covering the teaching of Afro-Brazilian history and culture, in accordance with laws nº 10.639/03 and nº 11.645/08 that made the teaching of Afro-Brazilian culture mandatory, with the aim of promoting social principles multicultural and legitimately democratic, associated with confronting racism in the school space. Seeking to involve students in the debate on the construction of social identities, multiculturalism, ethnic diversities, racism and African culture. The proposed pedagogical intervention was developed at EMEB José Torquato da Silva (Cuiabá/MT), with the 4th year C class - considered a multiethnic class - and was built from a theoretical reflection around decolonial thinking with a dialogue with following authors: Eliane Cavalleiro (2001 and 2003), Djamila Ribeiro (2019) and bell hooks (2017), women who contextualize the racism present in education. This intervention is based on the works of Cuiabana artist Paty Wolff, who, through paintings, sculptures and illustrations from her book *Como Aves no Céu de Aruanda* (Entrelinhas, 2021), works on the representation and look at the bodies of black people. (to the).

**KEY WORDS:** Ethnic-racial relations; Racism; Education

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>01.BRANQUITUDE E RACISMO.....</b>	<b>17</b>
<b>02.NA SUA ESCOLA TEM RACISMO? .....</b>	<b>20</b>
<b>03.UMA ESCOLA ANTIRRACISTA.....</b>	<b>25</b>
<b>04. DIÁLOGO ENTRE ARTISTA E SUAS OBRAS.....</b>	<b>27</b>
4.1-LEITURA PESSOAL DO OBSERVADOR/ ALUNOS.....	27
4.2- DIÁLOGO ENTRE ARTISTA, SUAS OBRAS E OBSERVADOR/ALUNOS.....	28
<b>05. ARTISTA PATY WOLFF.....</b>	<b>30</b>
<b>06. PROPOSTA DIDÁTICA ANTIRRACISTA APLICADA AO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA .....</b>	<b>33</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>



## INTRODUÇÃO

Quando criança, eu morava na cidade de Dourados - MS, meu pai marceneiro e minha mãe doméstica não tinham estudo formais completos e trabalhavam para a nossa sobrevivência. Meu irmão e eu estudávamos em escolas públicas. E foi neste período escolar que comecei a sentir as formas de racismo e preconceitos existentes dentro das escolas, somos netos de descendentes indígenas e africanos, meu irmão sempre teve um tom de pele mais escura que a minha, enquanto eu um pouco mais clara e com cabelos cacheados. Sempre perguntavam se éramos mesmo irmãos (até hoje perguntam), e desde criança eu ficava indignada com o pensamento e a fala das pessoas, que tinham cunho racista, sobre questões de fenótipos.

Assim, era visível o racismo na escola. Sempre nos períodos de tirar fotos escolares, eu, sendo uma menina lida como branca e tendo os cabelos cacheados, prestava atenção nos profissionais da escola penteando meus cabelos depois de secos e reclamando por eles não serem lisos, pois arrumá-los seria mais fácil. Outras colegas que tinham os cabelos crespos, além de ouvirem este tipo de comentários, ainda tinham que ouvir dos colegas palavras ofensivas e apelidos com termos pejorativos mencionados em sala de aula como forma de “brincadeiras”.

Ao sair de uma cidade do interior e vir para a capital de Mato Grosso (Cuiabá) no período da adolescência, percebi que tinha colegas da mesma turma que sofriam Racismo acabavam revidando, batendo, e eram retiradas da escola ou até mesmo deixavam de frequentá-la, porque o tema não era abordado e nada era feito para resolver.

Como professora de uma escola estadual que executava um projeto para acolhimento dos alunos haitianos, percebi que havia uma resistência de aceitação entre os alunos brasileiros, foi então que percebi que eu como professora poderia fazer algo para sensibilizar os alunos para um olhar “antirracista” através de um projeto intitulado “A valorização da cultura negra”. Através deste projeto foi possível conhecer as vivências e experiências sobre o preconceito vivido pelos dois lados.

Trabalhando com alunos do fundamental II, passei a observar várias atitudes de racismo e bullying praticadas pelos estudantes. Com palavras ofensivas e gestos que denotam algum animal. Sem ter conhecimento, apenas falava para pedir desculpas naquele momento da aula, e na semana seguinte ouvia comentários dos alunos sobre que eles ainda estavam sofrendo com aquelas atitudes. Então passei a estudar um pouco mais

sobre o tema do Racismo, procurando encontrar formas de educar os alunos para as questões étnico raciais.

Quando comecei as aulas e orientações no mestrado profissional, foi passado pela orientadora vários autores, dentre elas, Djamila Ribeiro, Eliane Cavalleiro e bell hooks, mulheres negras que estudam e lutam contra o racismo na educação. Com estas leituras cresceu o meu conhecimento e a determinação para colaborar para a desconstrução do racismo em sala de aula.

De acordo com Zélia Amador Deus (2020, p.66) “desigualdades sociais que decorrem do racismo e da discriminação racial foram frequentemente negadas no Brasil e em outros países também”. Almeida (2021, p.197) complementa que “achar que no Brasil não há conflitos raciais, diante da realidade violenta e desigual que nos é apresentada cotidianamente, beira o delírio, a perversidade ou a mais absoluta má fé”. Com referência ao racismo também destaco o antropólogo Kabengele Munanga (2019): “(...) todos os racismos são abomináveis e cada um faz as suas vítimas do seu modo. O brasileiro não é o pior, nem o melhor, mas ele tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros e brasileiras, vítimas e não vítimas”.

As Leis Nº 10.639/03 e Nº 11.645/08 determinam a inclusão do ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena, nos estabelecimentos de ensino, contribuindo para os princípios e práticas cidadãs, fundamentadas em princípios sociais multiculturais e legitimamente democráticos (BRASIL, 2003, 2008). No entanto, apesar da existência de instrumentos legais, pouco se discutem essas questões no espaço escolar ou essas discussões ocorrem apenas em datas comemorativas do calendário escolar. Essa discussão se faz necessária, pois a rede de ensino público é composta por negros, brancos e indígenas, que compõe salas de aulas multiétnicas, e que, por sua vez, precisam compreender as relações étnico-raciais e a importância da interculturalidade neste espaço escolar de convivência. As práticas de racismo acontecem o ano todo nas escolas e fora dela, então é preciso ter um olhar diferente, falar sobre as relações étnico-raciais, as diferenças existentes e que elas precisam ser respeitadas. Conforme Djamila Ribeiro:

É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade. Portanto, frases como “eu não vejo cor” não ajudam. O problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir. Vejam cores, somos diversos e não há nada de errado nisso- se vivemos relações raciais, é preciso falar sobre negritude e também sobre branquitude. (Ribeiro, 2019, p.30)

Falar sobre negritude e branquitude em sala de aula é quebrar paradigmas sobre o que é a “norma”, na qual ser branco é o normal, o comum, é pertencer à classe dominante, enquanto ser negro é ser diferenciado, ou pertencente à classe subordinada, trazendo a crescente inferioridade nas pessoas negras, a vergonha, o desprezo, e a vontade de não ser negro. O branco em si, ao estar em um lugar de privilégio, precisa experienciar o lugar do outro, já que ser negro ou branco não é anormal, e sim representa as diferenças que precisam ser compreendidas e respeitadas para que as questões hegemônicas possam ser desmistificadas, trazendo a realidade do respeito às diferenças. Esta hegemonia estabelecida indica que “a brancura é associada a uma situação de privilégio que desacredita na presença da austeridade de sua posição e por isso mesmo, é incapaz de compreender a experiência do “outro” (Rossato Gesser, 2001, p.11).

Pensar, estudar, refletir e falar sobre as relações étnico-raciais deveria ser algo frequente em todos os ambientes, como igrejas, teatros, praças, campeonatos de futebol e encontros com a comunidade do bairro, para a desconstrução do racismo. Nestes lugares podem haver pessoas que praticam ou são vítimas de racismo, por falta de conhecimento ou simplesmente por achar que tudo é uma brincadeira. Mesmo que haja pessoas que possuam uma formação hegemônica, que não estejam dispostas a apreender e compreender, o que impossibilita sua mudança de comportamento, o tema deve ser contextualizado nestes ambientes.

Para uma educação ou reeducação de relações étnico-raciais o ambiente escolar é um espaço privilegiado, um espaço multiétnico, composto por crianças que estão dispostas a ouvir, aprender e ensinar. “A educação antirracista reconhece o ambiente escolar como um espaço privilegiado para a realização de um trabalho que possibilite o conhecimento respeitoso das diferenças raciais, bem como dos indivíduos pertencentes a grupos discriminados” (Cavalleiro, 2001, p. 149).

Em uma escola onde a maioria das crianças e professores é lida como branca, os assuntos da negritude ou dos privilégios da branquitude são deixados de lado. Independentemente de ter maioria branca ou maioria negra no corpo docente ou discente da escola, a instituição deve ter um compromisso político e ético para com a educação antirracista. O professor precisa ter um olhar para as relações étnico-raciais dentro da escola, para os assuntos que devem ser abordados, de forma a contextualiza-los, reforçando a importância de trabalhar sobre o racismo em uma sala com convivência

multiétnica. “Quando entramos em escolas brancas, racistas e segregadas, deixamos para trás um mundo onde os professores acreditavam que precisavam de um compromisso político para educar corretamente as crianças negras. De repente, passamos a ter aula com professores brancos cujas lições reforçam os estereótipos racistas”. (bell hooks, 2013, p. 12)

De acordo com o Ebook da escola cuiabana, criado em 2019 como Política Educacional da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá que rege o ensino das escolas municipais, a cidade tem por característica ser uma cidade multicultural e multiétnica, sua população teve por formação como cidade os povos europeus, africanos e principalmente indígenas do povo Bororo<sup>1</sup> que habitavam estas regiões, do sul de Mato Grosso até o Vale do Rio Cuiabá.

As matrizes que por miscigenação formaram a cultura cuiabana, em distintos aspectos, constituíram uma cidade com características peculiares que se destaca por sua composição cultural e social. Assim, ao mesmo tempo em que se vivenciava, nos séculos XVIII e XIX, parte das práticas culturais indígenas, também se convivia com a forte influência da cultura europeia. Pelas descrições de Alencastro (2003), percebe-se que começou um processo de miscigenação também, na arte, na música, na dança, quando se tornou inevitável a mistura de ritmos africanos e indígenas inseridos nas produções com bases europeias. (Cuiabá, 2019)

Mesmo a cidade possuindo características multiétnicas em seu contexto, é possível ver em jornais, revistas, redes sociais e em sala de aula, pessoas que acabam cometendo racismo, com palavras pejorativas, termos ofensivos, e, muitas vezes, inclusive partindo para agressões verbais e físicas. O aluno que sofre alguma prática de racismo acaba não querendo mais ir à escola, trazendo como consequência o excesso de faltas, as dificuldades de aprendizagem ou até mesmo o abandono escolar.

A hipótese da pesquisa é que a percepção do racismo é parcial na turma do 4º ano C, e que, sendo assim, é necessária a atuação docente no seu enfrentamento. É neste contexto que a presente pesquisa se desenvolveu, com uma etapa participativa constituída pela aplicação de uma sequência didática de dez aulas de arte, após uma reflexão teórica – em torno do pensamento decolonial, tendo por objetivo a educação para com as relações étnico-raciais dos alunos(as) da escola municipal José Torquato da Silva - Cuiabá/MT. O 4º C está composto por trinta alunos(as) e possui grande diversidade, já que possui

---

<sup>1</sup> Bororo – Autodenominação Boe – Estão em MT, São 1817 (Siasi/Sesai, 2014) - Família linguística Bororo (Fonte: Povos Indígenas no Brasil : <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>)

estudantes venezuelanos(as), brasileiros(as), negros(as) e brancos(as). Desta forma, refletimos e proporcionamos letramento racial através da análise de obras da artista cuiabana Paty Wolff, e da leitura do livro ilustrado e escrito por ela, **Como pássaros no céu de Aruanda**, que representa a importância da valorização e o respeito de todas as culturas, inclusive a africana. Após a coleta dos dados, passou-se a análise qualitativa dos resultados e a considerações finais da pesquisa.

## 1. BRANQUITUDE E RACISMO

É possível observar pessoas em vários locais com dizeres e falas que denotam um comportamento racista. No entanto, eles acreditam que sejam apenas brincadeiras, ou nem percebem que em sua fala predomina o racismo. Este tipo de comportamento hegemônico está impregnado na sociedade com manifestações de uma consciência silenciada de discriminação racial associada à experiência branca. A branquitude (*whiteness*) que “se define como uma consciência silenciada ‘quase’ incapaz de admitir sua participação provocante em conflitos raciais que resiste, assim, em aceitar e a relacionar-se com a experiência dos que recebem a violação e o preconceito” (Rossato, Gesser, 2001, p.11).

Esta consciência silenciada ou experiência branca faz com que as pessoas tenham dificuldades em entender o lugar do outro, e elas ficam sem conseguir compreender os sofrimentos de uma pessoa negra na sociedade atual. Uma consciência nascida das relações capitalistas e leis coloniais, hoje compreendida como “relações emergentes entre grupos dominantes e subordinados” que foram passados de geração para geração. Isso faz que muitos brancos cometam racismo sem saber, apenas porque ouviu alguém dizer, ou porque a frase está presente em seu cotidiano ou simplesmente por se sentir dominantes. “Essa branquitude como geradora de conflitos raciais demarca concepções ideológicas, práticas sociais e formação cultural, identificadas com e para brancos como de ordem “branca” e, por consequência, socialmente hegemônica” (Rossato, Gesser, 2001, p.11).

Uma criança, quando ouve em casa dizeres racistas, acaba trazendo para escola, sem entender esta influência hegemônica. Algumas trazem isso para a sala de aula como brincadeira, pois não entendem; já outras que compreendem não gostam, e acabam vindo até a professora para que esta faça algo. No cotidiano escolar algumas das vezes os professores entendem como brincadeira e não tomam nenhuma atitude, pois o tempo da aula muitas vezes não permite abordar todas as intercorrências. Por outro lado, as crianças trazem de casa este reflexo, e não entendem que o que estão fazendo está errado, pois elas ouvem os adultos falando e acabam repetindo. De acordo com Rossato, Gesser:

Este fenômeno deflagrado como *whiteness* é visivelmente palpável por diversas gerações brasileiras. Existem muitos “ditos” populares entre a sociedade hegemônica e historicamente representada por brancos (as) que são repassados de geração em geração. Por exemplo, é comum ouvir as pessoas falarem entre si: “Este é um negro de alma branca”. “Eu não sou racista, mas só tenho raiva de quem cortou o rabo e ensinou a falar”, “negro quando não suja na entrada, suja na saída”. Estas são expressões típicas que representam o grau de preconceito racial no país e se reproduzem nas diferentes instituições sociais, como a família, a escola a igreja e o Estado, bem como em todas as classes sociais que constituem a nação. (Rossato, Gesser, 2001, p.17)

Para exemplificar, vou narrar um fato ocorrido: Aluguei uma casa e o vizinho (um homem branco) me procurou dizendo que chamou a segurança do condomínio para uma pessoa” negra suspeita” que estava no meu quintal. Então meu esposo e eu falamos que esta pessoa era o dono da casa, que veio trazer uma chave para nós. E o vizinho ainda continuou dizendo que nós” tínhamos mais cara de donos do que ele”. Não gostamos da fala, chamamos atenção daquele vizinho, falamos que a pessoa que ele estava achando “suspeita” era dono da casa, advogado, e uma pessoa amiga, que iria aparecer sempre no condomínio.

Quantos casos como esse acontecem no cotidiano de uma pessoa negra? E de uma pessoa branca? Pela fala preconceituosa deste vizinho, uma pessoa negra não poderia ser dona de uma casa em um condomínio, porque entende-se que uma pessoa negra não teria uma posição de destaque na sociedade. Isso porque” é ao longo da história que se forja o ”sistema meritocrático” em que um segmento branco da população vai acumulando mais recursos econômicos, políticos, sociais, de poder que vai colocar seus herdeiros em lugar de privilégio” (Bento, 2022, p.35).

É o pacto da branquitude, no qual pessoas brancas formam seus grupos sociais, grupos de trabalhos, grupos políticos, dando privilégios e favores apenas a pessoas brancas, reproduzindo o medo do que julgam ser “diferente” ou do que ameaça o “normal” com sentimentos preconceituosos. Para Cida Bento:

Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele. (Bento, 2022, p.18)

Para sair de uma formação de uma experiência branca, é preciso compreender que na sociedade atual, ser branco é posição de privilégio. Entender que existe racismo, e experimentar o lugar do outro, tentar compreender o que uma pessoa negra sofre na sociedade, quando vai procurar emprego, quando não é bem vista em lugar de chefia,

quando seu estereótipo faz com que pessoas olhem, façam gestos, ou até mesmo falem palavras de desprezo. Para Rossato, Gesser:

Sem compreender sua posição de privilégio étnico e sem simpatizar humanisticamente com a agonia e a dor sofrida pelo “outro” que é naturalmente discriminado, a consciência esbranquiçada alimenta a noção herdada e internalizada ao longo de prévias gerações. A inconsciência e a insensibilidade (inconsciente ou consciente em alguns casos) manifestam uma experiência incapaz de dar nome aos sentimentos e às atitudes diante do “outro” visto como invisível. (Rossato, Gesser, 2001, p.22).

Mesmo que uma pessoa seja criada em uma formação hegemônica e desenvolva uma experiência branca, ela precisa ter atitudes antirracista, estudar e conhecer formas de combate ao racismo. É um dever ético e responsabilidade da classe privilegiada combater o racismo em lugares onde pessoas negras não costumam acessar, e disseminar de vez estas atitudes. Para Ribeiro:

o racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve ser responsabilizada por ele. Para além de se entender como privilegiado, o branco deve ter atitudes antirracistas. Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar. Diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva à ação. Dessa forma, se o primeiro passo é desnaturalizar o olhar condicionado pelo racismo, o segundo é criar espaços, sobretudo em lugares que pessoas negras não costumam acessar. (Ribeiro, 2019, p. 36)

Seja qual for o lugar de fala de uma pessoa, é preciso falar sobre o racismo, seja nas escolas, nas famílias, nas igrejas, em todos os lados, usando o recurso disponível que a pessoa tiver no momento. É preciso se desprender de uma formação hegemônica e entender que atitudes racistas podem ser mudadas, e ela começa com cada pessoa.



## 2. NA SUA ESCOLA TEM RACISMO?

O livro **Do silêncio do lar ao silêncio escolar** de Cavalleiro (2003) vem de uma pesquisa realizada em 1998, em três salas de aula de Educação infantil, com observação e entrevista com alunos e professores durante oito meses. Ficou evidente a prática de racismo no ambiente escolar, onde crianças brancas se sentiam superiores às não-brancas e faltavam com respeito, xingando e falando palavras de desprezo.

No espaço escolar analisado por Cavalleiro não havia representação de alunos(as) negros(as) em livros, fotografias ou cartazes nas paredes da escola. A escola não oferecia a alunos(as) brancos(as) e negros(as) oportunidades diferentes para se sentirem aceitos(as), e respeitados(as). O despreparo de professores para a observação das práticas de racismo no espaço escolar, e a interação diferenciada que os mesmos tinham com os alunos(as), denotavam uma escola com práticas racistas.

Para se ter uma observação diária sobre as práticas de racismo na escola é preciso utilizar o tempo que o professor possui. Em sua grande maioria os professores de Arte são os que possuem menor carga horária para se trabalhar com as turmas, na Prefeitura de Cuiabá são em média 2 horas/aulas, com 8 turmas, no Estado de Mato Grosso são 50 minutos/aula com 25 turmas, totalizando 10 aulas por bimestre. As turmas possuem entre 27 (com aluno PcD) a 30 alunos (sem alunos PcD).

Muitas vezes, o professor precisa planejar várias atividades diferentes para a aprendizagem dos(as) alunos(as), além de relatórios bimestrais, projetos da escola e formações complementares. A turma com alunos PcD demanda um maior tempo na execução das atividades propostas no currículo escolar, pois o professor precisa ter um olhar diferenciado às habilidades destes alunos. Com tantas demandas do cotidiano escolar, o professor encontra um pouco de dificuldades para a observação sobre as práticas de racismo, bullying, e preconceito dentro da escola.

O currículo escolar é importante, no entanto, trabalhar as questões étnico-raciais na escola tem uma grande relevância, pois o Racismo existe e está presente na escola. Fazer de conta que a escola não possui racismo, fechando os olhos para as questões étnico-raciais, pois “demanda muito tempo da aula” ou “é um assunto muito polêmico” não é uma forma de combater o Racismo. Para Cavalleiro 2003:

Esse modo de conceber o cotidiano escolar impede uma busca de trabalhos e experiências que concorram para a superação desse problema. Assim, a escola é idealizada como uma ilha da fantasia, cujos integrantes passaram

incólumes pelas agências socializadoras e não incorporaram, no percurso de seu desenvolvimento, qualquer atitude ou comportamento racista (Cavalleiro, 2003, p. 52).

Mesmo com todas estas dificuldades apresentadas, foi possível observar, como professora, várias práticas de racismo em escolas diferentes por onde passei, quero deixar o relato de três que foram impactantes:

**Escola (01):** A escola no período noturno funcionava o Ensino para Jovens e Adultos (EJA) e tinha um projeto para acolher os alunos imigrantes do Haiti. Mesmo que esses alunos(as) falassem mais de três línguas, e que tivessem cursos superiores como Direito, Medicina e Enfermagem, eles tiveram que fazer aulas de português e matemática e o ensino médio (EJA).

No começo, foi possível observar olhares preconceituosos para com estes(as) alunos(as), depois, dizeres como “haitianos fedidos”, “vieram aqui só para tomar nossos empregos” e outros mais. Falar com pessoas adultas sobre racismo e preconceito não é nada fácil, então a escola abordou vários projetos, que teriam que incluir no currículo escolar. Mesmo assim, houve grande resistência dos(as) alunos(as) brasileiros(as) e os(as) haitianos(as) não quiseram participar de muitos projetos, pois eles(as) preferiam não falar sobre o assunto.

Não foi nada fácil para estes estudantes deixarem o seu país e chegar ao Brasil e encontrar professores “brancos” brasileiros querendo inseri-los em uma sociedade preconceituosa, já que, por mais que eles não entendessem muito a língua, os gestos e os olhares falavam por si só. Era preciso alguém que os entendesse, tanto a língua quanto o sofrimento de deixar seu país, sua família e vir para uma cidade por trabalho e sobrevivência.

Foi então que contamos com a ajuda de uma professora haitiana que mobilizou alguns projetos, que até então nós como professores não sabíamos como alcançá-los. Fizemos ações que consistiram em mudanças desde a merenda da escola, que passou a ser comida de caldos (muito comum por eles no Haiti), até a comemoração ao dia da bandeira, dia do imigrante, etc. Eles começaram a se sentir à vontade, quando puderam ensinar um pouco do Haiti para os alunos brasileiros, e falar sobre a história de vida de cada um. Quando os alunos brasileiros começaram a ouvir as histórias, e souberam que muitos haitianos já tinham cursos superiores, mas tiveram que voltar e fazer o ensino médio, e também que estes estavam no Brasil para sobreviver às catástrofes que aconteceram em seu país, passaram a entendê-los e respeitá-los.

Logo após a entrada da professora haitiana no nosso quadro de professores, foi possível dialogar com ela e os alunos sobre a inserção de outros projetos, que uniram brasileiros e haitianos. No final do ano, foi possível ver os alunos falando sobre racismo e a vivência que conseguiram ter em sala de aula. Com isso, relembro a afirmação de bell hooks: “Essa transição das queridas escolas exclusivamente negras para escolas brancas onde os alunos negros eram sempre vistos como penetras, como gente que não deveria estar ali, me ensinou a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação” (bell hooks, 2017, p.12).

Para se trabalhar questões antirracistas é preciso compreender o lugar de fala, pois como professora branca, estava tentando abordar temas que para mim eram desconhecidos. Então é preciso experienciar o lugar do outro, ouvir suas histórias e tentar compreender a vivência com as relações étnico-raciais.

**Escola (02):** Em uma turma com alunos de 7º e 8º anos, trabalhando em projetos do aniversário de Cuiabá, foi estipulado para a professora de Arte trabalhar os animais do Pantanal. Estava muito corrido, pois eu tinha que fazer o mais rápido possível várias atividades do currículo que foi proposto.

E, já perto de bater o sino, eu escuto uma aluna branca chamando o colega de “negrinho”, logo o sino bateu e não deu para fazer nenhuma intervenção. No final da aula conversei com a coordenadora e contei o ocorrido, e a mesma me informou que só poderia ser uma “brincadeira” da criança, pois os pais da menina em questão eram negros e a mãe muito brava, então era para eu desconsiderar.

Na outra semana, vejo o aluno triste na aula e então perguntei o que tinha acontecido, ele me relatou que na hora do intervalo a aluna tinha falado que ele “tinha cor de bosta”. Desta vez tive um tempo para intervir, e então chamei a aluna para conversar. E perguntei o porquê ela tinha falado aquilo para o colega. Ela me falou “ele é marrom, e marrom é cor de bosta”. Fiquei indignada com o pensamento da menina e naquele momento falei para ela que as fezes humanas tinham várias cores, não somente marrom, que essa cor a qual ela estava se referindo era a cor do lápis de cor, do chocolate e que todos tinham uma cor diferente, e falei que o que ela estava fazendo era racismo. Então a aluna me perguntou: “O que é Racismo?”.

Eu já tinha tomado um tempo da aula e os alunos estavam ociosos em sala, então falei para ela que na próxima aula eu iria responder. Naquele momento em que a aluna

me indagou eu percebi que estava mais preocupada com as atividades propostas do currículo do que trabalhar o assunto como bullying e racismo em sala. Como falar para uma criança que ela estava praticando racismo se a mesma nem sabia o que era? Eu como professora deveria tê-la ensinado.

Na outra aula parei de fazer a atividade sobre os animais do Pantanal e fiz um planejamento para trabalhar as diferenças, com histórias infantis, músicas e pequenos vídeos. Expliquei o significado de Racismo e bullying e fizemos uma roda de conversa. Nesta roda de conversa foi possível observar uma aluna que estava sofrendo racismo, e outra que estava sofrendo prática de bullying, mas não tinham tido coragem de falar até então. Eles compreenderam o assunto, e no final da aula este aluno que estava sofrendo racismo me deu um abraço e só falou “Obrigado!”. Portanto, “assim, mais do que nos prendermos às nossas ideias e suposições, que muitas vezes impedem a compreensão do problema, precisamos atentar para nossas atitudes e nossos comportamentos, bem como de toda equipe escolar”. (Cavalleiro, 2001, p. 151)

É preciso falar sobre Racismo nas reuniões de pais, professores e gestores escolares. Pois todos precisam compreender o assunto e saber se manifestar, entender que muitas brincadeiras não são legais, e conseqüentemente essas crianças irão crescer e achar que estão fazendo tudo certo, quando não estão.

**Escola (03):** Em uma turma de alunos entre 8 e 9 anos passei a observar alguns comportamentos que denotavam racismo. Uma das atitudes que observei foi que os alunos negros da turma nunca tinham duplas para sentar, os colegas entravam na sala e eles ficavam isolados. Então comecei a modificar a dinâmica da sala, os alunos chegavam e era eu quem formava as duplas, era possível observar os olhares de desprezo para com os alunos negros, e alguns estudantes chegavam a afastar a mesa para demonstrar que não queriam ficar com aquele colega.

Em minhas observações foi possível notar uma aluna que mudou o seu comportamento, tanto dentro quanto fora de sala. De uma menina sorridente, que brincava com outras crianças, ela estava ficando cada vez mais quieta e quase não sorria. Eu estava recebendo muita reclamação dos meninos de atitudes dela como rabiscar o caderno deles, rasgar os desenhos, e fiquei bastante preocupada. Foi então que um dia, já perto do final da aula, tive um tempo e chamei ela fora da sala para conversar, foi bem difícil para que ela se abrisse comigo, mas eu fiz o possível para tentar. Foi então que ela me contou que

os alunos em questão a estavam perturbando, a chamando de “carvãozinho” e “cabelo ruim”. Naquele momento eu senti a dor dela, me fez lembrar que quando eu era criança as minhas colegas sofriam com este tipo de atitudes e eu não podia fazer nada.

Como neste dia ia ter reunião com os professores, resolvi levar para o conselho de classe, a coordenadora logo entendeu que o assunto era grave e precisava ser resolvido o mais rápido possível. Passado a reunião, a coordenação chamou os alunos para conversar e explicar que o que estava fazendo não era certo, - um tem dificuldades na fala e a outra deficiência na mão - e entenderem que prática de racismo ou bullying era crime, e que se eles estivessem sofrendo ou praticando algum tipo de discriminação os responsáveis seriam chamados.

Como professora de arte eu passo pelas turmas somente uma vez na semana. Um tempo depois, vejo a mesma aluna no intervalo jogando água naqueles mesmos meninos, rasgando os brinquedos deles. Então chamei para conversar, e ela falou que os meninos continuavam com as mesmas práticas, mesmo depois de ter trabalhado sobre racismo com os alunos, de ter chamado a coordenação, eles continuavam com os mesmos comportamentos racistas.

Então foi passado para a direção da escola, e eles entenderam que a questão era mais séria. A diretora é uma mulher negra que sofreu na infância e ainda sofre práticas de racismo. Conversou com ele, contou sua história o quanto ela sofreu por estas “brincadeiras” e que não era legal ninguém brincar ou fazer este tipo de brincadeira. Eles viram nela um lugar de fala, e entenderam o quão grave eram aquelas “brincadeiras”.

É possível constatar que o racismo está presente nas escolas, desde a Educação Infantil aos EJA. “Há anos é um lugar onde a educação é solapada tanto pelos professores quanto pelos alunos, que buscam todos usá-la como plataforma para seus interesses oportunistas em vez de fazer dela um lugar de aprendizado” (bell books, 2017, p. 23).

### 03. UMA ESCOLA ANTIRRACISTA

Para a promoção de uma “Escola Antirracista” é preciso reconhecer primeiramente “a existência do problema racial na sociedade brasileira” (Cavalleiro, 2001, p.158). O que não acontece no Brasil, de acordo com um levantamento feito pelo Instituto Locomotiva para Central Única das Favelas (CUFA) - Pesquisa realizada nos dias 4 e 5 de junho de 2020 com 3.111 entrevistados, sendo homens e mulheres, entre 16 e 69 anos, de todos os estados brasileiros e todas as classes sociais.

Os questionários foram aplicados por telefone e de forma online. Nesta pesquisa 62% das pessoas acreditam que existe racismo na sociedade brasileira, enquanto as outras não possuem clareza sobre o caráter estrutural do fenômeno na sociedade. O levantamento também apontou que no ambiente de trabalho 36% dos brasileiros "não negros" conhecem alguém que já sofreu preconceito, discriminação, humilhação ou deboche por sua cor ou raça. Esse número sobe para 76% entre entrevistados negros.

Com os dados desta pesquisa, é possível observar que existem pessoas que acreditam que racismo não existe ou desconhecem sobre o tema, e esse número tende a aumentar se não forem trabalhados temas com abordagens significativas nas escolas. É preciso tirar da invisibilidade e mostrar a todos a existência deste grande problema. “Vejam cores, somos diversos e não há nada de errado nisso - se vivemos relações raciais, é preciso falar sobre negritude e também branquitude” (Djamila, 2019, p.30).

Para uma escola ser considerada antirracista, Cavalleiro (2001) sugere ações a serem tomadas por todos os profissionais da educação, incluindo em sua discussão, oito características de uma Educação Antirracista para trabalhar em prol da igualdade:

1. Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira.
2. Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.
3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas.
4. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as os/as alunos/as.
5. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira.
6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do ‘eurocentrismo’ dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de ‘assuntos negros’.
7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.

8. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do auto-conceito de alunos e de alunas pertencentes a grupos discriminados (CAVALLEIRO, 2001, p. 158).

Observando estas oito características apontadas por Cavalleiro (2001), é possível pensar nestas atitudes que contribuem para uma reeducação das relações étnico-raciais dentro e fora das escolas. A convivência multiétnica no ambiente escolar deve ser trabalhada e observada todos os dias, o professor precisa encorajar a participação e o desenvolvimento das crianças nas atividades e nos debates envolvendo temas antirracistas, pois esta experiência escolar ajudará na compreensão e na socialização das crianças a compreender o mundo. Desse modo, “o contato com outras crianças de mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar, com outros objetos de conhecimento, além daqueles vividos pelo grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura do mundo” (Cavalleiro, 2003, p.17).

A escola possui racismo desde as crianças até os mais velhos, podendo ser observado através da falta de pessoas negras em livros, ou cartazes expostos na escola. Falas, gestos e olhares preconceituosos. O cotidiano escolar muitas vezes é corrido, mas é preciso ter um olhar atento para as relações multiétnicas.

Como profissionais da educação, temos a responsabilidade de não deixar o racismo se apoderar das crianças, devemos tomar atitudes antirracistas, levar o debate para a sala de aula, para as reuniões, falar sobre branquitude e negritude. Usar este espaço de privilégio para ver cores, para assumir que todos são diferentes e precisam ser reconhecidos e respeitados para a construção de indivíduos antirracistas. “Ou nós educadores realizamos esse trabalho, ou atuamos a favor da disseminação dos preconceitos. Não há como nos mantermos neutros. É preciso optar, pois lutar contra isso não é tarefa exclusiva da população negra”. (Cavalleiro, 2001, p. 151).

#### **04. DIÁLOGO ENTRE ARTISTA E SUAS OBRAS**

Para trabalhar uma proposta didática em Arte com o objetivo de desconstruir o racismo, pesquisei artistas mulheres negras e que morassem na cidade de Cuiabá-MT, pois não queria apenas que meus alunos pudessem fazer leituras de obras de arte, mas também dialogar com a artista sobre suas obras, além de observar algumas obras diretamente e não somente através de dispositivos (slides).

A seguir, apresento dois pensamentos diferentes de leitura de imagem: as duas abordagens apresentam perspectivas distintas sobre a interpretação de obras de arte, cada uma com suas próprias nuances e implicações. Ambas trazem o propósito de que devem ser inseridas obras de arte para um processo de ensino e aprendizado significativo.

##### **4.1-LEITURA PESSOAL DO OBSERVADOR / ALUNO.**

No âmbito escolar alguns alunos ainda não conseguem ler palavras escritas, mas todos os dias eles estão cheios de informações visuais, seja na TV, nos vídeos, nos livros infantis. Para que estas imagens que são abordadas todos os dias possam fazer sentido, as aulas de arte precisam não apenas focar nos conteúdos dos livros didáticos, mas principalmente ter significado para estes alunos. De acordo com Ana Mae Barbosa (2008):

A necessidade de alfabetização visual vem confirmando a importância do papel da Arte na Escola. A leitura do discurso visual, que não se resume apenas à análise de forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é centrada na significação que esses atributos, em diferentes contextos, conferem à imagem é um imperativo da contemporaneidade. (Barbosa, 2008, pg. 18)

Inserindo as obras de arte em sala, o professor proporciona ao aluno suas próprias leituras de imagem significativa, de acordo com as suas próprias vivências, experiências, emoções e perspectivas. Neste contexto, dá-se destaque à diversidade de interpretações possíveis, reconhecendo que cada observador traz consigo uma bagagem única de experiências e conhecimentos. Independentemente das intenções originais do artista, a liberdade de atribuir significados pessoais à obra, está com o observador. Com base em Ana Mae Barbosa, (2008):



Os modos de recepção da obra de Arte e da imagem ao ampliarem o significado da própria obra a ela se incorporam. Não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em sua obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores. (Barbosa, 2008, pg.19):

Ana Mae Barbosa destaca uma mudança de foco na abordagem da recepção de obras de arte. Com a mudança na pergunta “o que o artista quis dizer?” para “o que a obra nos diz?” reflete uma transição nas intenções originais do artista para a experiência atual e subjetiva do observador. Nesta perspectiva, enfatiza-se a dinâmica e a fluidez na apreciação de obras de arte, reconhecendo que o significado não é fixo e pode evoluir com o tempo e os diferentes contextos de recepção.

#### 4.2- DIÁLOGO ENTRE ARTISTA, SUAS OBRAS E OBSERVADOR/ALUNOS

Na construção de uma obra de arte, o artista traz como relevância o seu contexto histórico, social e cultural. Para que o observador tenha a compreensão significativa pela interpretação do artista, é preciso conhecer e entender o contexto em que uma obra foi criada, o que permite a apreciação de camadas mais profundas de significado e que os alunos possam compreender as mensagens que o artista pode ter desejado transmitir.

A educação estética proposta por Ana Mae Barbosa, traz como relevância conhecer e compreender o processo criativo das escolhas artísticas e do contexto cultural em que as obras foram produzidas, indo muito além de uma simples observação visual, incentivando assim o pensar sobre arte. Para Ana Mae Barbosa:

A educação estética tem como lugar privilegiado o ensino de Arte, entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas às crianças, tanto a partir do seu cotidiano como de obras de Arte. Compreender o contexto dos materiais utilizados, das propostas, das pesquisas dos artistas é poder conceber a Arte não só como um fazer, mas também como uma forma de pensar em e sobre Arte (Barbosa, 2008, pg. 71-72).

A interpretação de uma obra de arte nem sempre reflete exatamente as intenções do artista. O observador pode atribuir significados diferentes, muitas vezes subjetivos, à obra, com base em suas próprias experiências e perspectivas por falta de compreensão do contexto histórico e social do artista, podendo levar a interpretações equivocadas ou superficiais.

Conhecer a obra de Arte e o artista é trazer significância para seu trabalho, conhecendo seu contexto social e cultural para a abordagem escolhida. O observador e o criador precisam dialogar entre si os conceitos, ouvindo tanto um quanto o outro.

As duas abordagens de leitura de imagem “observador/Artista” são perspectivas que podem ser valiosas em um contexto de ensino de arte. A primeira permite uma abordagem mais aberta e inclusiva, incentivando os alunos a explorarem suas próprias interpretações e desenvolverem suas capacidades críticas. A segunda, por sua vez, oferece uma base para o entendimento do contexto artístico, promovendo uma apreciação mais contextualizada e informada.

Para a proposta pedagógica correspondente nesta pesquisa foram consideradas as duas abordagens descritas. Assim os estudantes puderam experimentar o seu olhar de acordo com suas vivências e, depois, ouvir as histórias da artista e suas inspirações para suas obras, trazendo grande significância para um pensamento antirracista, além de certa identificação já que a artista já morou no mesmo bairro que eles.

## 05. ARTISTA PATY WOLFF

A escolha de trabalhar as obras de Paty Wolff<sup>2</sup> ocorreu a partir da visitação à exposição “À Flor da Pele - Arte Negra no Museu”<sup>3</sup>. Dentre tantas obras apresentadas, a que me chamou mais a atenção foi a dela, por ser uma artista que valoriza a cultura africana em suas obras.

Paty Wolff asceu em Cacoal -RO em 1989, mas por morar e trabalhar na cidade há tanto tempo, se considera cuiabana. Vinda de uma família baiana pela parte paterna e paranaense pela parte materna, percorreu também outros estados. O pai não conhece nem os próprios primos, muito menos a história dos avós, que, segundo ela, foram pessoas escravizadas. E é neste cenário – da escravidão, da luta do povo negro pela liberdade e do reconhecimento de suas raízes africanas – que a escritora e artista se baseia para construir as suas obras.

Paty é considerada uma multiartista brasileira, geógrafa e mestre em geografia, que pesquisa a decolonização da representação e do olhar sobre pessoas negras, povos indígenas e comunidades tradicionais. Sua trajetória artística é atravessada pela busca de suas raízes e ancestralidades. Suas obras transitam entre pintura, cerâmica, escultura, ilustração, muralismo, instalação, objetos, literatura e outras experimentações.

Participa de exposições coletivas desde 2016, com destaque para o I Circuito Latino-Americano de Arte Contemporânea (Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre/ RS, 2021); 26º Salão Jovem Arte (Galeria Lava Pés, Cuiabá/MT, 2021) e Natureza: Substantivo Feminino, Museu de Arte de Mato Grosso (2016). Recebeu o Prêmio Díxtopia na categoria pintura em 2021 (Cuiabá-MT).

---

<sup>2</sup> Paty Wolff é o nome artístico Patrícia Wolff Sampaio (1989, Cacoal-RO) por morar e trabalhar na cidade há tanto tempo, se considera cuiabana.

<sup>3</sup> “A Flor da Pele - Arte Negra no Museu” – Exposição que aconteceu no MACP -Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT. Ocorreu dos dias 28/07/2022 até 31/01/2023. Dedicada a artistas negros, a exposição coletiva reuniu alguns dos artistas da década de 1970, bem como jovens e atuantes artistas negros que hoje fazem o duro trabalho de ser incluídos no sistema artístico nacional. A exposição contou com grandes nomes das artes plásticas mato-grossense como Gervane de Paula, Paty Wolff, Paulo Pires, Adão Silva / Babu 78, Elaine Fogaça, Rodolfo Luis, Sol Ferreira, Vânia de Paulo, Alcides Pereira dos Santos, Nilson Pimenta, Benedito Nunes, Osvaldina dos Santos, Clínio de Moura e o artista Baiano Rubem Valentim. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=J5K6uz4i2R0>

Autora de **Como pássaros no céu de Aruanda** (Entrelinhas, 2021) premiado pelo Edital Estevão de Mendonça de Literatura Mato-grossense, **Thehcitura** (Entrelinhas, 2021) em 2022 participou de dois grandes projetos, mostra coletiva de artistas negros de Cuiabá “A flor da pele” no MACP-UFMT e, MAS-MT (Cuiabá-MT), e a exposição “Um século de agora” no Itaú Cultural (São Paulo), selecionado pela Lei Aldir Blanc em Cuiabá. Em 2023 está em exposição “Nós – Arte e Ciências por mulheres” em Paço das Artes Higienópolis (SP), suas obras foram selecionadas para participar da XXII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEO DE SANTA CRUZ DE LA SIERRA, que aconteceu nos dias 01 a 30 de setembro de 2023. Ilustrou livros e capas de outros autores. Editora na Revista Ruído Manifesto, integra o Coletivo Ceramistas do Mato e o Coletivo Maria Taquara - Mulherio das Letras de Mato Grosso.

**Figura 01- Artista Paty Wolff**



**Fonte:** <https://primeirapagina.com.br/cultura/conheca-quem-e-paty-wolff-a-escritora-de-mt-finalista-do-premio-jabuti/>

A artista trabalha com diferentes materiais e suportes, um deles é o papelão, em entrevista à TV Assembleia-MT (18/02/2023) no programa – Entrevista Palavra Literária foi questionado o uso deste material e ela respondeu: “Eu comecei a querer muito pintar o papelão, esse suporte que também é economicamente mais viável e também, muito movida pela pesquisa dessa construção de negritude, do corpo pardo, de pensar essa descartabilidade, da visibilidade a um material que é descartável, que a gente encontra em cada esquina e pensar tudo isso como arte”. O papelão é um material de fácil acesso, e que muitos descartam sem dar nenhuma importância.

Observando as obras da artista podemos exemplificar que, como o papelão, quantas pessoas são descartadas na sociedade, como algo sem valor ou importância, seja pela sua cor de pele, ou por falta de recursos financeiros. Olhar para uma obra de arte da

artista Paty Wollf remete a uma reflexão em forma de memória e denúncia, por pessoas que foram simplesmente esquecidas pelo sistema.

De vários trabalhos da artista o que se destaca é seu livro **Como Pássaros no céu de Aruanda** ilustrado por ela mesma, que são contos e microcontos que remetem a dores atravessadas por revoltas, lutas e resistências quilombolas. Histórias que se confundem com a realidade marcada pela luta diária por dignidade em um mundo de desigualdade e racismo. Possui palavras nas línguas africanas “yorubá” e “quimbundo”. Um dos contos mais interessantes remete à tomada da dignidade do povo negro e o reencontro com a ancestralidade é o conto “Graúna”, que retrata muito a busca de identidade e a reflexão sobre o racismo vivido pela personagem.

## 6. PROPOSTA DIDÁTICA ANTIRRACISTA APLICADA AO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

A presente pesquisa foi realizada entre os meses de agosto a setembro de 2023, após a aprovação da mesma pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - CEP/UFMS e autorização da Secretaria Municipal de Educação -SME da cidade de Cuiabá-MT, contribuindo para a construção de um olhar reflexivo antirracista nas escolas através do ensino de arte, bem como para o estudo de uma artista local.

Além de contribuir para a reflexão dos alunos participantes quanto às suas produções artísticas, e não apenas as reproduções de cores encontradas nos desenhos reproduzidos de forma massiva a que eles são expostos nas mídias. Da mesma maneira, os alunos participantes da intervenção tiveram a possibilidade de entrar em contato e ter experiências com a artista Paty Wolff, artista local, que poucos conheciam na escola, cujas obras transmitem a valorização da cultura africana, e a luta contra a discriminação e o racismo.

Os dados analisados foram agrupados com o objetivo reflexivo e exploratório, na intenção de estimular um novo olhar crítico através da arte afro-brasileira no combate à discriminação racial e na luta pela promoção da autoestima dos/as estudantes. Utilizando-se para isso diferentes teóricos: Djmalia Ribeiro (2019), que em seu livro **O pequeno manual antirracista**, expõem a preocupação em propor ações concretas para estimular autoconhecimento e a adoção de práticas antirracistas.

Eliane Cavalleiro no livro **Racismo e antirracismo na educação** (2001) traz uma reflexão aos profissionais da educação na elaboração de estratégias de combate ao racismo no âmbito escolar e na sociedade em geral **Do silêncio do lar ao silêncio escolar** (2003) trata sobre o racismo, preconceito e discriminação existente na educação infantil. A autora bell hooks (2017) em seu livro **Ensinando a transgredir** utiliza suas próprias experiências para propor reflexões sobre uma educação com práticas da liberdade. Para a utilização destes aportes teóricos a pesquisa foi desenvolvida de forma bibliográfica, que para Gil (2008) demonstra importância:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (Gil 2008, p.50).

Junto com a pesquisa bibliográfica, utilizei a pesquisa-ação, com base em Gil (2008): “Caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo da pesquisa”. A proposta foi realizada com os alunos da EMEB José Torquato da Silva - Cuiabá/MT, com a turma do 4ºano C, em concordância com a lei Nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio. O enfoque do plano pedagógico serão as produções da artista cuiabana Paty Wolff, que transmitem a valorização da cultura africana, e a luta contra a discriminação e o racismo. Quanto a análise qualitativa dos dados, Gil (2008) afirma:

Os segmentos de dados são categorizados de acordo com um sistema organizado que é predominantemente derivado dos próprios dados. Algumas categorias são estabelecidas antes da análise dos dados. Mas, ao longo do processo são identificados novos temas e definidas novas categorias a partir dos próprios dados, de forma indutiva (Gil, pg172).

Na percepção do racismo parcial na turma do 4ºano C, foram formuladas algumas outras hipóteses fazendo necessário a atuação docente no enfrentamento ao racismo. **H01:** A falta do trabalho sobre as relações étnico-raciais em aula faz com que muitos alunos não se aceitem como pessoas negras. **H02:** A não aceitação de suas origens pelos alunos delimita suas produções artísticas, sendo muitas vezes, a pele colorida com tons claros. **H03:** A desconstrução do racismo em sala fará com que os alunos tenham uma boa convivência multiétnica.

O presente estudo possui o objetivo geral de: Buscar através das obras da artista Paty Wolff a educação para com as relações étnico-raciais dos alunos da EMEB José Torquato da Silva. Dando ênfase em: Investigar como tem sido o processo de socialização entre as crianças do 4º Ano C na construção de uma sociedade com convivência multiétnica.

Alguns dos objetivos específicos são: Trabalhar o ensino de arte com a produção de uma artista negra cuja poética é a revalorização da cultura africana, bem como explorar a humanização do corpo negro, salientando a afetividade desses corpos, o que foi, e ainda é, tantas vezes negada, além de ser uma artista que vive e trabalha em Cuiabá, sendo assim os alunos podem encontrar a artista e suas obras, não limitando a aula à diapositivos. Explorar a diversidade da arte e cultura afro-brasileira em diálogo com as Leis Nº

10.639/03. Estimular um novo olhar reflexivo através do ensino da arte e a estética afro-brasileira no combate ao racismo. Contribuir para a promoção da autoestima dos/as estudantes de modo que possam se reconhecer e valorizar.

Com a liberação pela SME (Secretaria Municipal de Educação) de Cuiabá e o conselho de ética, conversei com os alunos sobre a pesquisa e quem gostaria de participar, os 30 alunos matriculados na turma do 4ºano C responderam positivamente. Entreguei o formulário TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para os responsáveis dos alunos assinarem autorizando. No entanto, alguns não sabiam ler, então tive que fazer algumas reuniões, gravar vídeos e telefonar para poder explicar a importância da pesquisa. Depois de explicado os responsáveis já compareciam à escola para assinar, pois entenderam a importância do tema. Com isso todos os alunos foram liberados para participar da pesquisa.

Para os alunos assinarem o termo TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) foi lido com todos o termo e explicado cada parte do formulário, assim que os mesmos assinaram, foi possível começar a pesquisa depois das férias escolares, entre o mês de agosto a setembro de 2023.

As aulas de arte são em conjunto, 2 (duas) aulas de 1(uma) hora, então as atividades foram desenvolvidas em 5 (cinco) encontros totalizando 10 (dez) horas/aulas, em horário de aula regular.

**1º- Encontro (2 aulas):** A aula teve início com uma chamada interativa<sup>4</sup> (cores de lápis de cor). Logo depois comecei a falar da importância destas cores que eles fizeram menção, e que podemos encontrar cores diferentes que não estejam na caixa de lápis de 12 cores. E foram levantando a mão e falando as cores diferentes que os colegas não tinham falado e onde era possível observá-las.

Deixei livre a participação até eles chegarem no ponto de partida que era falar sobre a cor que envolve os fenótipos das pessoas. Logo após estas indagações comecei a falar o que seria um autorretrato (imagem de si mesmo) e para melhor compreensão ouvimos, dançamos e brincamos com a Música Autorretrato – Quintal Musical. Então foi proposto para eles fazerem um autorretrato utilizando a material folha A4, lápis de escrever e lápis de cor 12 cores deixando os (as) alunos (as) livres para a sua própria produção e depois recolher para registro e observação de possíveis negação do

---

<sup>4</sup> Chamada interativa: Com a lista de nomes dos alunos o professor vai chamando e ao invés de falar “presente” ele vai respondendo de acordo com o tema.



conhecimento de suas características. Conforme os alunos iam terminando a atividade, foi entregue um pedaço de papel em que eles tinham que escrever o nome de uma pessoa conhecida (funcionários da escola, colegas ou artistas). Foi colocado todos estes nomes em uma caixa e foi feito um sorteio e em dupla, o colega tinha que adivinhar quem era a pessoa falando as características físicas ou a personalidade de cada um.

**Figura 02- Autorretrato dos alunos**



Fonte: Arquivo Pessoal

**2º- Encontro (2 aulas):** A aula teve início com uma chamada interativa (Qualidades). Terminando a chamada interativa conversamos sobre que cada um tinha qualidades e defeitos, falamos um pouco sobre estas diferenças e que ninguém é igual a ninguém. Os alunos pegaram os seus desenhos de autorretrato e alguns se dispuseram a falar da dificuldade de se retratar.

Logo depois, cantamos e brincamos com a música “Ninguém é igual a Ninguém”. Depois usei o Datashow para apresentar para os alunos a artista Paty Wolff através de um Vídeo de uma entrevista (TV Assembleia MT - Palavra Literária), na qual ela fala de sua

arte e do livro **Como Pássaro no Céu de Aruanda**. Mostrando posteriormente as obras feitas em papelão da artista, que remetem à representação do olhar sobre pessoas negras.

Através da leitura de imagens, fiz com que os alunos observem os valores étnico-raciais presentes na obra. Fizemos uma roda de conversa e falamos sobre a observação de cada aluno mediante a obra da artista, e as diferenças encontradas em seus desenhos, quanto a aspectos de cores de pele, rosto e cabelo. E aqueles que conseguiram se identificar qual foi a maior dificuldade e desafio de fazer um autorretrato. Discutimos sobre a importância de suas origens, que remetem à cultura cuiabana, e suas características físicas que devem ser valorizadas. Na sequência, faz-se um Painel Coletivo – Cada aluno receberá uma parte de um quebra-cabeça de folha A4, onde deverá fazer dois desenhos de pessoas diferentes, e no final montar com a palavra respeito.

**Figura 03: Apresentando a artista**



**Figura 04: Produção painel coletivo**



Fonte: Arquivo Pessoal

**Figura 05 - Artista Paty Wolff e algumas de suas obras**



Fonte: <https://patywolff.com.br/portfolio/obra-paty-113/>

**3º- Encontro (2 aulas):** A aula teve início com a chamada interativa (nome de um esporte). Em sua grande maioria os alunos falaram os esportes que estão mais presentes em seu cotidiano. Conversamos sobre outros esportes que foram mencionados e outros que os alunos foram lembrando. Perguntei o que eles achavam da Capoeira que também é um esporte. E neste contexto, alguns alunos já fizeram ou fazem capoeira, e outros pararam por falta de professor e local para praticar.

Depois de toda esta conversa então mostrei para os alunos o livro da artista Paty Wolff **Como pássaros no céu de Aruanda**<sup>5</sup> e chamei a atenção deles para uma história chamada “Graúna”<sup>6</sup>. Depois desta leitura, fizemos uma roda de conversa e falamos sobre “Racismo” e “Preconceito”, alguns alunos se sentiram à vontade para falar, enquanto outros preferiam se manter em silêncio. Falaram sobre práticas que já viram de outra pessoa, no entanto ninguém se manifestou que tenha sofrido. Para seguir com a aula, dividi a sala em 4 grupos em ordem de sorteio. Baseado no livro da artista propus a escrita de um livro com histórias criadas por eles, com ilustração e texto com o tema “Racismo”. Utilizando os materiais folha A4, lápis grafite e de cor.

<sup>5</sup> Um livro sobre dores atravessadas por revoltas, quilombos, lutas e pela resistência cotidiana das personagens que anseiam voarem livres como pássaros no céu de Aruanda. Fonte: [https://www.entrelinhaseditora.com.br/produtos/p.asp?id=297&produto=como\\_passaros\\_no\\_ceu\\_d\\_e\\_aruanda](https://www.entrelinhaseditora.com.br/produtos/p.asp?id=297&produto=como_passaros_no_ceu_d_e_aruanda)

<sup>6</sup>Graúna: “Pássaro-preto” - Conta a história de uma menina que sofreu racismo e preconceito por gostar de capoeira



**Figura 06 - Sala de aula com a separação dos grupos e produção dos livros**



Fonte: Arquivo Pessoal

**Figura 07 e 08 - Produção dos livros pelos alunos**



Fonte: Arquivo Pessoal



**4º- Encontro (2 aulas):** A artista Paty Wolff foi à escola e no primeiro contato com os alunos criou um vínculo perguntando o nome, se apresentando, e contando um pouco de sua história. Neste contexto, ela contou que morou no bairro vizinho, que estudou em uma escola próxima que eles conheciam e que sempre gostou de desenhar (sempre fazendo perguntas de interação com eles).

Contou que veio de uma família baiana por parte paterna e paranaense por parte materna, que percorreu também outros estados. O pai não conhece suas origens muito menos a história dos avós, que foram pessoas escravizadas. E foi neste cenário – da escravidão, da luta do povo negro e de suas raízes africanas – que a escritora e artista se baseou para suas obras. Logo depois, ela apresentou para eles duas de suas obras que já foram expostas no museu, e os chamou para fazer uma leitura das obras. As crianças usaram a imaginação de vários contextos, e depois ela explicou o que ela queria representar em cada obra.

Os alunos ficaram maravilhados e compreenderam a relevância das pinturas da artista com o contexto histórico que a mesma tinha mencionado. Foi então que Paty começou a falar um pouco como todos tinham uma história, e esta história tinha que ser valorizada, e que o que nós somos faz parte da nossa história, seja nossa cor de pele ou cabelo diferente, isso forma nossas raízes. Depois ela explicou que nossa pele tem tons de pele diferentes, porque vem de uma mistura de cores, e ela deu uma oficina explicando como ela fazia para encontrar os tons de pele.

Propôs para os alunos escolherem alguém que eles gostassem muito e fizessem um desenho com lápis grafite e depois iria fazer a mistura até encontrar o tom de pele dessa pessoa. Na sequência dessa atividade prática, ela falou um pouco dos seus dois livros **Como pássaros no céu de Aruanda** e **Thehcitura** · leu algumas de suas histórias contidas neles e fez uma roda de conversa falando sobre “Racismo”, na qual a participação dos alunos foi muito relevante, alunos que anteriormente não tinham feito nenhum comentário na aula, falaram abertamente sobre o tema com a artista, sobre as práticas de racismo vivenciadas. Foi um encontro muito importante, os alunos gostaram muito de conhecer a artista e compartilhar com ela suas histórias e vivências.

**Figura 09 e 10 - Artista Paty Wolff Mostrando seu livro e sua obra “Esqueci de chorar”**



Fonte: Arquivo Pessoal

**Figura 11 e 12 - Artista Paty Wolff oficina de desenho e pintura**



Fonte: Arquivo Pessoal



**Figura 13 e 14 - Produção dos alunos na oficina de pintura e desenho**



Fonte: Arquivo Pessoal

**Figura 15 Produção dos alunos**



Fonte: Arquivo Pessoal

**5º- Encontro (2 aulas):** O último encontro foi um momento de reflexão sobre todo o trabalho desenvolvido. Os alunos pegaram seus desenhos e puderam fazer uma leitura da imagem para os colegas e falar o porquê desenharam aquela pessoa e sua importância em sua vida. Observaram que, nos desenhos, cada um fez algumas características físicas da pessoa que eles lembraram, e que estas características tornam essa pessoa diferente de todas e essas diferenças precisam ser respeitadas.

Os livros que foram criados a partir do **Como pássaros no céu de aruanda**, especialmente a partir do conto Graúna, foram escaneados e formatados e depois foram feitas fotocópias. Então apresentei o livro ao grupo para que eles lessem e vissem se queriam mudar alguma coisa. E, logo depois, foi feita a leitura do livro com as histórias produzidas por eles por cada grupo. No final, fizemos uma roda de conversa e eles falaram que as ideias das histórias do livro foram vivenciadas por eles, e eles comentaram como eles gostariam que essas situações de práticas de racismo na escola fossem resolvidas e não deixadas de lado como se fossem uma “brincadeira”. Continuando a roda de conversa, perguntei se já tinham presenciado algum tipo de racismo onde a pessoa não falou diretamente. E tive vários relatos, entre os que me chamaram atenção:

Aluna 01: “Meus pais são negros e eu sou negra, e minha irmã nasceu branca. Aonde minha família vai, as pessoas perguntam se minha irmã é adotada, por não acreditar que meus pais possam ter tido uma criança branca”.

Aluna 02: “Meu irmão é negro e foi levar um produto no salão onde minha mãe trabalha, chegando lá, as clientes ficaram olhando para ele com um olhar estranho, até que minha mãe falou que era filho dela. Às clientes não acreditaram muito e perguntaram se ele era adotado”.



Figura 16 História : A brilhante Baiana

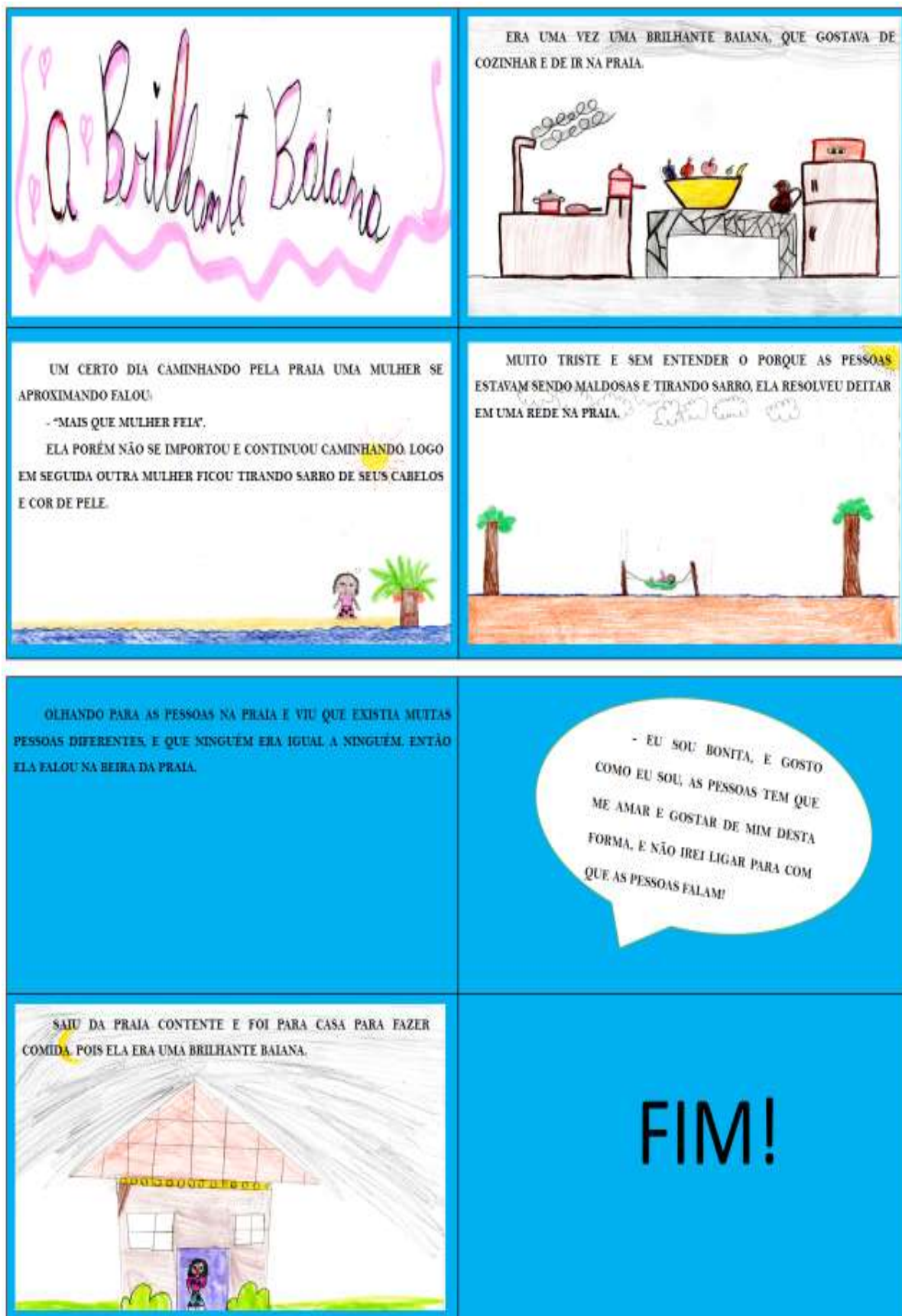


Figura 17 História : História 02- A Menina Lema













		<p>UM DIA A MENINA LEMA ESTAVA COMENDO O SEU LANCHE NO RECREIO.</p> <p>QUANDO ELA ESTAVA SAINDO VÁRIAS PESSOAS COMEÇARAM A RIR DELA.</p> <p>ACHAVAM SEU NOME FEIO, SEU CABELO E COR DE PELE.</p>	
<p>QUANDO CHEGOU EM CASA A MÃE PERGUNTOU O QUE TINHA ACONTECIDO POR ELA ESTAR TÃO TRISTE.</p> <p>ENTÃO ELA EXPLICOU O QUE ESTAVA ACONTECENDO.</p>		<p>A MÃE FICOU CHOCADA E RESOLVEU LANÇAR UM LIVRO SOBRE PRECONCEITO E BULLYING NA ESCOLA.</p>	
	<p>DEPOIS DE VÁRIOS DIAS FAZENDO LIVROS A MÃE DA MENINA CONVERSOU COM A DIRETORA E PEDIU PARA CHAMAR TODOS OS PAIS DOS ALUNOS PARA UMA EXPOSIÇÃO DE SEUS LIVROS E CONSCIENTIZAÇÃO.</p> <p>- POIS O COMBATE AO RACISMO E BULLYING NAS ESCOLAS ERA O DEVER DE TODOS E NÃO SOMENTE DOS PROFESSORES.</p>	<p>DEPOIS DESTA DIA OS PAIS EN SINARAM AS CRIANÇAS SOBRE O RESPEITO A TODAS AS DIFERENÇAS. OS PROFESSORES REFORÇARAM SOBRE O LIVRO NA ESCOLA.</p> <p>E TODOS APRENDERAM , E NUNCA MAIS RIRAM DE LEMA E VIRARAM AMIGAS.</p>	
<p>LEMA FICOU MUITO FELIZ COM AS NOVAS AMIGADES</p> 			

Figura 18 - História: História 03 - A vida Sem Racismo





Figura 19-História 04- Sem Preconceito

<h1>SEM PRECONCEITO</h1>	<p>ERA UMA VEZ UMA MENINA NOVA NA SALA DE AULA, ELA ERA NEGRA E MAGRA.</p> <p>TINHAM UMAS MENINAS QUE NÃO GOSTARAM DELA, E FICAVAM FALANDO E OLHANDO COM UMA CARA NADA LEGAL PARA A MENINA NOVA.</p>
	<p>ELAS FIZERAM DE TUDO PARA CHATEAR A MENINA PARA ELA SAIR DA ESCOLA.</p> <p>A MENINA NOVA JÁ NÃO SABIA MAIS O QUE FAZER, SE NÃO CHORAR E FICAR TRISTE COM A MALDADE DAQUELAS MENINAS.</p> 
<p>UMA DAS SUAS COLEGAS DE SALA VIU TODA AQUELA SITUAÇÃO E CHEGOU NAS MENINAS E FALOU:</p> <p>PORQUE VOCÊS ESTÃO FAZENDO ISSO COM A MENINA NOVA? ELA ESTÁ VINDO DE OUTRA CIDADE, E PRECISA DO NOSSO APOIO, CARINHO E COMPRESSÃO. TODOS NÓS SOMOS DIFERENTES, E ESTAS DIFERENÇAS QUE NOS TORNA TÃO ESPECIAIS, TEMOS QUE AMAR AS PESSOAS!</p>	
<p>AS MENINAS VIRAM QUE ESTAVAM ERRADAS, PEDIBAM DESCULPAS E SE TORNARAM AMIGAS.</p> 	<h1>FIM!</h1>

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como benefício principal estimular um novo olhar reflexivo através da arte afro-brasileira para o combate ao racismo e contribuir para a promoção da autoestima dos/as estudantes de modo que possam se reconhecer e valorizar. O que contribui para a construção de uma educação antirracista nas escolas através do ensino de arte, bem como para o estudo das obras plásticas e livro da artista Paty Wolff.

A pesquisa contribuiu para a reflexão dos alunos no contexto de suas produções artísticas, indo além da simples reprodução de cores comumente encontrada em desenhos encontrados na mídia. Assim, os estudantes exploraram o contexto histórico, cultural e social em que estão inseridas as obras da artista e passaram a observar a relevância de suas produções para a compreensão da diversidade étnica cultural. Na observação foi possível compreender que a partir das reflexões proporcionadas pela unidade didática os alunos passaram a fazer desenhos e pinturas utilizando não apenas o lápis “cor rosa”, passando a utilizar outras cores em suas produções.

Da mesma maneira, os alunos participantes da intervenção tiveram a possibilidade de entrar em contato/vivência, ter experiências, com a artista Paty Wolff, artista local, que poucos tinham conhecimento na escola, cujas obras transmitem a valorização da cultura africana, e a luta contra a discriminação e o racismo.

Indo ao encontro com a hipótese da pesquisa “a falta do trabalho sobre as relações étnico-raciais em aula, faz com que muitos alunos não se aceitem como pessoas negras” foi possível compreender através dos desenhos de autorretrato e das dinâmicas feitas em sala de aula que alguns alunos não se reconhecem como pessoas negras, e este não reconhecimento faz com que a prática de racismo por esses alunos seja constante.

Outro ponto foi “A não aceitação de suas origens pelos alunos delimita suas produções artísticas, sendo muitas vezes, a pele colorida com tons claros”. Em roda de conversa foi possível observar através das falas de alguns alunos que a delimitação veio de encontro com a falta de conhecimento de alguns, que não sabiam como pintar a cor de sua pele. Depois de eles observarem a obra da artista Paty, viram que era possível se representar como pessoa negra. Depois dessas aulas eu sempre via um aluno em especial desenhando e pintando rostos de pessoas (coisas que ele não gostava de fazer), o que significa que esta experiência para ele foi significativa, ele se reconheceu como um aluno negro que é capaz de produzir desenhos de pessoas.

Em outro contexto, sobre a hipótese de que “A desconstrução do racismo em sala fará com que os alunos tenham uma boa convivência multiétnica”, podemos observar que os alunos falaram sobre o racismo, desenharam, fizeram livro e, no entanto, esta convivência multiétnica não aconteceu em sala. Quando o processo de intervenção acontecia por várias vezes, alunos praticavam preconceito e racismo com o colega (na forma de olhar, de falar, de não querer ficar perto, com palavras pejorativas). Eu ia remediando os conflitos e tentando abrir os olhos para os alunos de suas atitudes.

Algumas semanas depois das aulas sobre racismo e preconceitos descritas nos capítulos anteriores, uma aluna me chamou e falou que o colega estava falando de seu cabelo de forma pejorativa. Esta aluna percebeu que isto não era brincadeira e não aceitou ser desvalorizada. Então chamei o colega para conversar, e o mesmo falou que era “brincadeira”, que na casa dele todas as pessoas brincam desta forma.

Os livros elaborados pelos alunos com as histórias “A Brilhante Baiana”, “A Menina Lema”, “A Vida Sem Racismo” e “Sem Preconceito” foram contextualizados a partir da leitura do livro da artista Paty Wolff e a experiência vivenciada por cada estudante sobre o racismo, trazendo uma grande relevância para uma reflexão antirracista. Será feita uma continuidade da pesquisa com abordagem desse livro futuramente, para que muitas outras crianças possam ter uma experiência de reflexão de um pensamento antirracista e aprender com estes alunos um pouco sobre suas próprias vivências.

O racismo está presente em sala de aula, é preciso proporcionar reflexões antirracistas o ano todo e não somente com os alunos da escola, mas sim com toda a comunidade, pais e responsáveis. Sabemos que a escola é um lugar privilegiado, no entanto atitudes racistas acontecem em todos os lugares e precisam ser combatidas por todos. Para Djamila Ribeiro (2019) “é preciso conversar em casa com a família e com os filhos, e não somente manter uma imagem pública, com destaque nas redes sociais”.

## 08. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

BRASIL. **Lei n 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Presidência da República Casa Civil. Disponível < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)> Acesso: 05 jun 2022.

\_\_\_\_\_. **Lei n 11.645, de 10 de março de 2008**. Presidência da República Casa Civil. Disponível < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)> Acesso: 04 jul 2022.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6 edições São Paulo: Contexto, 2003.

CUIABÁ. **Ebook escola cuiabana**. Elaboração – Diretoria geral de gestão educacional/ Diretoria de Ensino, Cuiabá, 2019.

DEUS, Zélia Amador. **Caminhos trilhados na luta antirracista**. Belo Horizonte: Autentica, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisas social**. 6.ed.- São Paulo: Atlas, 2008.

hook, bell, **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MUNANGA, Kabengele. Opera **mundi GGN**. [Entrevista concedida a Lilian Milena].Disponível < <https://jornalggn.com.br/politica/o-racismo-velado-por-kabengele-munanga/> Acesso 30 out 2022.

MUNANGA, Kabengele, **O antropólogo que desmitificou a democracia racial no Brasil**. Brasília – DF, 22/05/2019 as 15:18 Disponível < <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/58614/kabengele-munanga-o-antropologo-que-desmistificou-a-democracia-racial-no-brasil>> Acesso 30 out 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

ROSSATO, C.; GESSER, V. A Experiência de branquitude diante dos conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p.11-36.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTE  
PROFARTES**

JULIANA FERREIRA DE ALMEIDA ARRUDA

**PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULA DE ARTE:**

**ARTISTA PATY WOLFF**  
CONTRIBUIÇÃO PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

CAMPO GRANDE - MS

2024

**JULIANA FERREIRA DE ALMEIDA ARRUDA**

**PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULA DE ARTE:**

**ARTISTA PATY WOLFF**

**CONTRIBUIÇÃO PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Proposta didática apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes, área de concentração em Ensino de Artes, linha de pesquisa em Abordagens Teórico-Methodológicas das Práticas Docentes.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone Rocha de Abreu.

**CAMPO GRANDE - MS**

**2024**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>Objetivo geral:.....</b>	<b>6</b>
<b>Conteúdo/tema geral:.....</b>	<b>6</b>
<b>Identificação do ano escolar:.....</b>	<b>6</b>
<b>Fluxograma da Proposta Didática.....</b>	<b>7</b>
<b>1º e 2º ENCONTRO: Autorretrato.....</b>	<b>8</b>
<b>3º e 4º ENCONTRO: Conhecendo as obras da artista Paty Wolff.....</b>	<b>9</b>
<b>5º e 6º ENCONTRO: Racismo? O que é?.....</b>	<b>10</b>
<b>7º e 8º ENCONTRO: Artista Paty Wolff vai à escola.....</b>	<b>13</b>
<b>9º e 10º ENCONTRO: Respeito as diversidade.....</b>	<b>14</b>
<b>PROCESSO AVALIATIVO.....</b>	<b>15</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>16</b>

## APRESENTAÇÃO

A presente proposta de intervenção tem por objetivo trabalhar as relações étnico-raciais através do ensino de arte como instrumentos de representação e valorização da cultura africana. Buscando envolver os (as) estudantes no debate sobre a construção de identidades sociais, multiculturalismo, diversidades étnicas, racismo e cultura africana. A proposta de intervenção pedagógica foi desenvolvida na EMEB José Torquato da Silva - Cuiabá/MT, com a turma do 4ºano C, considerada uma turma multiétnica e está foi construída alinhando uma reflexão teórica em torno do pensamento decolonial. Partindo das obras da artista cuiabana Paty Wolff, que através das pinturas, esculturas e ilustração de seu livro **Como pássaros no céu de Aruanda** (Entrelinhas, 2021), trabalha a representação e o olhar sobre os corpos dos (s) negros(as).

Foram desenvolvidas Dez aulas, de arte, buscando uma reflexão teórica – em torno do pensamento decolonial, tendo por objetivo a reeducação para com as relações étnico-raciais dos alunos (as) da escola municipal José Torquato da Silva - Cuiabá/MT. A turma escolhida será o 4ºano C, sala está composta por 30 alunos de grande diversidades sendo eles venezuelanos, brasileiros, negros e brancos.

A intervenção pedagógica será organizada em 5 (cinco) encontros totalizando 10 (dez) horas/aulas, em horário de aula regular.

O presente estudo tem por benefício principal estimular um novo olhar reflexivo através da arte afro-brasileira para o combate ao racismo e contribuir para a promoção da autoestima dos/as estudantes de modo que possam se reconhecer e valorizar.

**Objetivo geral:**

O objetivo geral da pesquisa é buscar através das obras da artista Paty Wolff a reeducação para com as relações étnico-raciais dos alunos da EMEB José Torquato da Silva.

**Conteúdo/tema geral:**

Contribuindo para a construção de um olhar reflexivo antirracista nas escolas através do ensino de arte, bem como para o estudo de uma artista local. Contribuindo para a reflexão dos alunos participantes quanto a suas produções artísticas, e não apenas reproduções de cores encontradas nos desenhos de massificante reproduzidos a que eles são expostos nas mídias. Da mesma maneira os alunos participantes da intervenção terão a possibilidade de entrar em contato/vivência, ter experiências com a artista Paty Wolff, artista local, que poucos conhecem na escola, cujas obras transmitem a valorização da cultura africana, e a luta contra a discriminação e o racismo.

**Identificação do ano escolar:**

4 ° ano - Ensino Fundamental I

Figura 01. Fluxograma da Proposta Didática

# PROPOSTA DIDÁTICA



Fonte: Elaborado pela autora

## 1º e 2º ENCONTRO: AUTORRETRATO

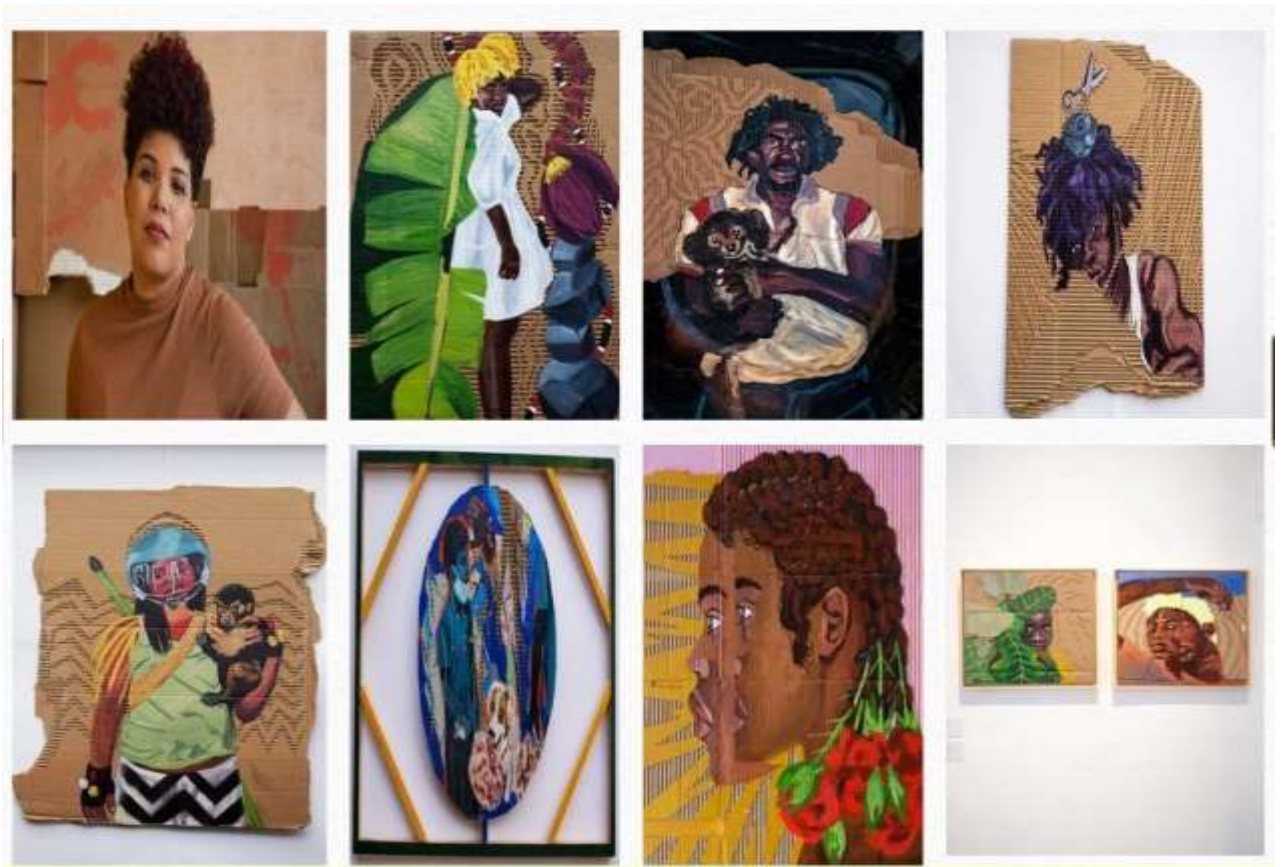
<b>Objetivos específicos:</b>	<p><b>EF15AR03</b> - Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.</p> <p><b>EF15AR04</b> - Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, fotografia etc.) fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.</p> <p><b>EF15AR24</b> - Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p>
<b>Conteúdo específico</b>	- Autorretrato
<b>Recursos</b>	Caixa de som, 30 folhas A4, lápis de cor e nomes de artistas impressos
<b>Referências</b>	Escola Cuiabana - CUIABÁ . Ebook escola cuiabana. Elaboração Diretoria geral de gestão educacional/ Diretoria de Ensino, Cuiabá, 2019. Música Autorretrato – Quintal Musical ( <a href="https://www.youtube.com/watch?v=HboOL-3B_y0">https://www.youtube.com/watch?v=HboOL-3B_y0</a> )
<b>Procedimentos Metodológicos</b>	<p><b>1º MOMENTO:</b> Acolhida: Receber os alunos em sala e fazer a chamada interativa ( cores de lápis de cor ).</p> <p><b>2ºMOMENTO:</b> Roda de conversa sobre autorretrato, explicar o conceito.</p> <p><b>3º MOMENTO:</b> Apresentar a letra e a Música Autorretrato – Quintal Musical</p> <p><b>4º MOMENTO:</b> Logo em seguida pedir para cada aluno fazer um autorretrato, utilizando folha A4, lápis grafite e colorir com lápis de cor da caixa de 12 cores.</p> <p><b>5º MOMENTO:</b> Brincar de Adivinha quem sou eu “Utilizando nomes de artistas, professores e colegas de sala.</p>

### 3º e 4º ENCONTRO: CONHECENDO AS OBRAS DA ARTISTA PATY WOLFF

<b>Objetivos específicos:</b>	<p><b>EF15AR03</b> - Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.</p> <p><b>EF15AR04</b> - Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, fotografia etc.) fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.</p> <p><b>EF15AR24</b> - Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p>
<b>Conteúdo específico</b>	Leitura de obras da artista Paty Wolff
<b>Recursos</b>	Caixa de som, DataShow, Notebook, 30 folhas A4 e lápis de cor
<b>Referências</b>	<p>Escola Cuiabana - CUIABÁ . Ebook escola cuiabana. Elaboração – Diretoria geral de gestão educacional/ Diretoria de Ensino, Cuiabá, 2019.</p> <p>Wolff, Paty “ Como pássaros no céu de Aruanda / Paty Wolff— Cuiabá-MT: Estrelinhas Editora, 2021.</p> <p>Entrevista TV Assembleia MT-  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=HVoYJMQKPEg">https://www.youtube.com/watch?v=HVoYJMQKPEg</a>)</p> <p>Musica Ninguém é igual a ninguém!  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=v6DHWn1g_lg">https://www.youtube.com/watch?v=v6DHWn1g_lg</a></p>
<b>Procedimentos Metodológicos</b>	<p><b>1º MOMENTO:</b> Acolhida: Receber os alunos em sala e fazer a chamada interativa (Qualidades).</p> <p><b>2º MOMENTO:</b> Retomar a aula anterior “autorretrato “ e roda de conversa para os alunos falarem o que acharam da atividade.</p> <p><b>3º MOMENTO:</b> Apresentar a música “Ninguém é igual a Ninguém !</p> <p><b>4º MOMENTO:</b> Apresentar a artista através do vídeo de sua entrevista da TV Assembleia MT e as imagens de suas obras.</p> <p><b>5º MOMENTO:</b> Roda de conversa para os alunos fazerem uma leitura de imagem das obras.</p> <p><b>6º MOMENTO:</b> Painel Coletivo - Cada aluno irá receber uma parte de um quebra-cabeça de folha A4, onde deverá fazer dois desenhos de pessoas diferentes, e no final montar com a palavra respeito.</p>



Figura 02- Artista Paty Wolff e algumas de suas obras



Fonte: <https://patywolff.com.br/portfolio/obra-paty-113/>

Figura 03: Um exemplo do painel coletivo



Arquivo Pessoal

## 5º e 6º ENCONTRO: RACISMO? O QUE É?

<p><b>Objetivos específicos:</b></p>	<p><b>EF15AR01)</b> identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.</p> <p><b>(EF15AR04)</b> - Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, fotografia etc.) fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.</p> <p><b>(EF15AR05)</b> Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.</p> <p><b>(EF15AR06)</b> dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.</p> <p><b>(EF15AR24)</b> Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p> <p><b>(EF15AR25)</b> Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.</p>
<p><b>Conteúdo específico</b></p>	<p>Contextualização do Racismo</p>
<p><b>Recursos</b></p>	<p>Folha A4, lápis grafite e de cor</p>
<p><b>Referências</b></p>	<p>Escola Cuiabana - CUIABÁ . Ebook escola cuiabana. Elaboração – Diretoria geral de gestão educacional/ Diretoria de Ensino, Cuiabá, 2019.</p> <p>Wolff, Paty “ Como pássaros no céu de Aruanda / Paty Wolff - Cuiabá-MT: Estrelinhas Editora, 2021</p>
<p><b>Procedimentos Metodológicos</b></p>	<p><b>1º MOMENTO:</b> Acolhida: Receber os alunos em sala e fazer a chamada interativa ( nome de um esporte ).</p> <p><b>2º MOMENTO:</b> Roda de conversa e contextualizar sobre a “Capoeira” .</p> <p><b>3º MOMENTO:</b> Leitura da história “Graúna” do livro “Como pássaros no céu de Aruanda” de Paty Wolff (conta a história de uma menina que sofreu racismo por gostar de capoeira).</p> <p><b>4º MOMENTO:</b> Roda de conversa sobre Racismo e Preconceito.</p> <p><b>5º MOMENTO:</b> Dividir os alunos em grupos sortidos e entregar uma folha A4, lápis grafite e de cor, e pedir para as crianças construírem uma história em forma de desenho em grupo, com o tema “Racismo” e cada aluno irá desenhar uma cena e em grupo irão escolher um tema para a história (os que souberem escrever pode estar inserindo a escrita de texto no livro).</p>

Figura 04- História Graúna parte 01- Artista Paty Wolff



Fonte: Foto do livro “Como Pássaro no céu de Aruanda “– Arquivo Pessoal



Figura 05- História Graúna parte 02- Artista Paty Wolff

Num certo dia de roda, passando na porta da vendinha, ouviu de um grupinho à toa que não era boa garota, pois andava com esses malandros da capoeira. Deu de ombros não muito contente, seu Mestre dizia que por ser menina valente, na maioria das vezes o melhor era relevar.

— Vou relevar continuando na arte de mandigar e não mendigarei afeto de quem não pode me ofertar.

Seguiu caminho balbuciando como um mantra essas palavras.

Naquele mesmo dia, por coincidência ou não, no final da roda ganhou de seu Mestre um livro sobre um povo escravizado que tinha tudo a perder, mas que lutou para não perder sua identidade cultivando sua ancestralidade e fazendo a memória de seu povo prevalecer. No caminho, devorou cada página, e ao final pôde entender o porquê de tanta coisa, na mente veio a imagem de sua mãe carregando para cima e para baixo aquela trouxa. Compreendeu de onde vinha seu nariz pequeno e largo, motivo de sentir tantas vezes raiva ao se olhar no pedaço de espelho, pois causava risadas disfarçadas e burburinhos de certos colegas da escola.

Adentrou a sala da casa ainda com o livro aberto na mão, onde sua mãe jogava na pequenina mesa de madeira maciça a toalha estampada que tanto gostava. Um sorriso no rosto de Tiana estampou na hora, lembrou da força quando jogava capoeira, viu a força no rosto enrugado de sua mãe. Compreendeu que essa força vinha do seu passado, passado que nem viveu, passado presente na vida de avós, bisavós, tataravós, seus ancestrais.

Fonte: Foto do livro “Como Pássaro no céu de Aruanda” – Arquivo Pessoal

## 7º e 8º ENCONTRO: ARTISTA PATY WOLFF VAI À ESCOLA

<p><b>Objetivos específicos:</b></p>	<p>(EF15AR01) identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.</p> <p>(EF15AR04) - Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, fotografia etc.) fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.</p> <p>(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.</p> <p>(EF15AR06) dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.</p> <p>(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p> <p>(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.</p>
<p><b>Conteúdo específico</b></p>	<p>Artista Paty Wolff e a relação étnico racial em suas obras</p>
<p><b>Recursos</b></p>	<p>Folha A4, lapis , tinta e pincel</p>
<p><b>Referências</b></p>	<p>Escola Cuiabana - CUIABÁ . Ebook escola cuiabana. Elaboração – Diretoria geral de gestão educacional/ Diretoria de Ensino, Cuiabá, 2019.</p> <p>Wolff, Paty “ Como pássaros no céu de Aruanda / Paty Wolff - Cuiabá-MT: Estrelinhas Editora, 2021.</p>
<p><b>Procedimentos Metodológicos</b></p>	<p><b>1º MOMENTO:</b> Acolhida: Receber os alunos em sala e fazer a chamada.</p> <p><b>2º MOMENTO:</b> A artista Paty Wolff contara sua história, e a busca de sua identidade como artista, apresentara para os alunos suas obras que já foram exposta no museu e sobre o livro “Como pássaros no céu de Aruanda”.</p> <p><b>3º MOMENTO:</b> A artista explicara suas técnicas utilizadas na construção de seus desenhos e as experiências que faz para encontrar os tons de peles em suas obras.</p> <p><b>4º MOMENTO:</b> Oficina de desenhos e pinturas com a artista utilizando as técnicas que a mesma ensinou para encontrar os tons de peles.</p>

## 09º e 10º ENCONTRO: RESPEITO AS DIVERSIDADE

<b>Objetivos específicos:</b>	<p><b>EF15AR01)</b> identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.</p> <p><b>(EF15AR04)</b> - Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, fotografia etc.) fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.</p> <p><b>(EF15AR05)</b> Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.</p> <p><b>(EF15AR06)</b> dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.</p> <p><b>(EF15AR24)</b> Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p> <p><b>(EF15AR25)</b> Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.</p>
<b>Conteúdo específico</b>	Respeito as diversidade
<b>Recursos</b>	Atividades feitas pelos alunos
<b>Referências</b>	Escola Cuiabana - CUIABÁ . Ebook escola cuiabana. Elaboração – Diretoria geral de gestão educacional/ Diretoria de Ensino, Cuiabá, 2019.
<b>Procedimentos Metodológicos</b>	<p><b>1º MOMENTO:</b> Acolhida: Receber os alunos em sala e fazer a chamada.</p> <p><b>2º MOMENTO:</b> Cada aluno fazer uma leitura de imagem sobre sua criação da aula anterior.</p> <p><b>3º MOMENTO:</b> O grupo irá ler as histórias criadas e falar um pouquinho sobre o processo de criação.</p> <p><b>4º MOMENTO:</b> Roda de conversa sobre o que apreenderam nestes encontros.</p>

## **PROCESSO AVALIATIVO**

A avaliação faz parte do processo de ensino-aprendizagem do aluno, não sendo de forma desclassificatória ou classificatória e punitivo. Pois sendo desta forma pode avançar para a lógica de excludente e não como impulsionadora de aprendizagem.

O processo de avaliação aconteceu por meio da Observação e registro.

- Acompanhando o cotidiano do aluno dentro e fora de sala.
- Observando a interação/ convivência com os colegas nas atividades em conjunto.
- Analisando sua participação nas rodas de conversa e apresentações de forma individual.
- Utilizando de registros fotográficos, pintura, desenhos e roda de conversa.

## REFERÊNCIAS

Entrevista TV Assembleia MT- (<https://www.youtube.com/watch?v=HV0YJMQKPEg>)  
Escola Cuiabana - CUIABÁ . Ebook escola cuiabana. Elaboração Diretoria geral de gestão educacional/ Diretoria de Ensino, Cuiabá, 2019.

Musica Ninguém é igual a ninguém!

[https://www.youtube.com/watch?v=v6DHWn1g\\_lg](https://www.youtube.com/watch?v=v6DHWn1g_lg)

Música Autorretrato – Quintal Musical ([https://www.youtube.com/watch?v=HboOL-3B\\_y0](https://www.youtube.com/watch?v=HboOL-3B_y0)).

Wolff, Paty “ Como pássaros no céu de Aruanda / Paty Wolff - Cuiabá-MT: Estrelinhas Editora, 2021.